

## O INDIZÍVEL DO CORPO TORTURADO

**Aluna: Ana Lygia dos Santos**  
**Orientadora: Ana Paula Veiga Kiffer**

### Introdução

O projeto de pesquisa “*Escrita e Corpo - Rupturas no tecido literário*” orientado pela professora Ana Paula Veiga Kiffer pretende investigar a ruptura na noção de texto literário em proveito de uma noção de escrita. Partindo dessa premissa, foi feito um corte dentro da Literatura de Testemunho publicada após o final do regime militar brasileiro a fim de se estudar os efeitos do trauma dentro do discurso de um corpo marcado.

Os relatos de Flávio Tavares em seu livro *Memórias do Esquecimento* e a carta enviada à imprensa pelo dominicano Tito de Alencar Lima ainda durante sua prisão servem de objeto de avaliação do deslocamento corpo-discurso dentro das narrativas do cárcere.

Deslocado no tempo, o indivíduo permanece condenado a uma espécie de clandestinidade, mantendo-se num não-lugar da história oficial, visto que até hoje pesa um não-ver e um não-dizer sobre esse passado recente, cujas marcas indelévels permanecem. Se foi ao corpo individual que se direcionou a maquinaria do terror, foi o corpo social como um todo que foi atingido.

Tais testemunhos importam como análise da escrita memorialística quando se parte do individual dirigindo-se para o coletivo. É a elaboração do sofrimento que conduz o narrador ao tempo da vileza, conjugação sempre próxima e latente em seu corpo, que elabora catarses e acende o debate acerca da memória oficial do nosso país.

### Objetivos

O objetivo deste trabalho é avaliar, no âmbito do corpus literário, as diferentes manifestações testemunhais dos indivíduos presos e torturados durante o período dos governos militares brasileiros (1964-1985) tendo em vista a observação da cisão do narrador ante a descrição de memórias de enorme carga de violência, a produção do indizível e a dificuldade enfrentada no ato de escrever a dor.

### Metodologia

O escopo que a Literatura de Testemunho apresenta traz diferentes modos de representação da dor. Para tanto, as atividades de pesquisa iniciaram-se em leituras centradas a partir do vínculo entre literatura e política e, posteriormente, das teorias psicanalíticas e representações do corpo, a fim de que os pressupostos da temática em questão fossem compreendidos.

Originalmente dentro da psicanálise, corpo e linguagem faziam parte de unidades estanques, no qual o interesse por um implicava a negligência do outro. Mas é através da noção de corpo como fonte de pulsão que este é transformado em elemento constitutivo das elaborações psíquicas, e a linguagem, meio eficaz para elaborá-lo.

Fundamentado nas teorias psicanalíticas de Sigmund Freud e a partir da noção de memória desenvolvida por Jeanne-Marie Gangnebin, foi articulado nos testemunhos analisados a materialização da linguagem, de modo que o corpo do discurso mostre-se como o discurso do corpo.

Sendo assim, buscou-se avaliar o interdito nessa escritura que se corporifica, a fragmentação, a ruptura, os limites desse corpo que fala, que comunica através do discurso o incomunicável.

## Conclusões

Conforme foi exposto, a fragmentação do indivíduo, produto do trauma sofrido, se consubstancia nas vozes do corpo e do discurso (ou na não-voz). O corpo hesita, treme e teme a evocação das memórias mais dolorosas, trava o discurso imerso em cesuras impostas pelo trabalho penoso de reviver as sevícias sofridas, convertendo-se num ambíguo processo de recuperação e narração das experiências vividas.

Dessa forma, o discurso do torturado conserva uma íntima relação com o corpo no qual foi inscrito. É essa escritura do corpo em seu limite que situa o tecido da fala, seus entremeios e suas cisões, numa angustiada e paciente fiação. Urdidura cuja trama não se fecha, sempre havendo o fio solto do incoercível, do indizível, do imponderável.

Sendo assim, não existem padrões que dêem conta de avaliar e analisar a experiência desse corpo discursivo. A distância entre o fato vivido e o fato narrado transforma-se no maior obstáculo para a compreensão humana, visto que a linguagem não encontra correspondência, sendo possíveis apenas débeis aproximações.

## Referências

- 1 – BETTO, Frei. **Tito: a paixão**. In: Batismo de Sangue. 14ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- 2 – FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
- 3 – FREUD, S. **Fixação em traumas – o inconsciente**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- 4 – \_\_\_\_\_. **Introdução à psicanálise e as neuroses de guerra**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- 5 – GAGNEBIN, J.M. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- 6 – SELIGMANN-SILVA, M. **Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção**. In: Letras, Santa Maria, UFSM, nº 16, janeiro / junho 1998.
- 7 – \_\_\_\_\_. **A literatura do trauma**. In: Revista Cult, nº 23, junho 1999.
- 8 – \_\_\_\_\_. **O testemunho: entre a ficção e o ‘real’**. In: História, memória, literatura. O testemunho na Era das Catástrofes. Campinas: Unicamp, 2003.
- 9 – TAVARES, F. **Memórias do Esquecimento**. 2ª edição. São Paulo: Editora Globo, 1999.